

## **Como os problemas comportamentais cães de companhia afetam o bem-estar dos seus tutores**

**How companion dog behavioral problems affect the well-being of their owners**

**Camila Vasconcellos**

**Graduanda em Psicologia**

**Treinadora de animais em ACV Adestramento Positivo e Terapia Comportamental para Pets**

**(51) 98404-6872**

**[adestradoracamilavasconcellos@gmail.com](mailto:adestradoracamilavasconcellos@gmail.com)**

### **Resumo**

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de problematizar a relação entre humanos e cães ao analisar como os problemas de comportamento destes animais podem afetar o bem estar de seus tutores. Dissertar sobre como e por que há uma relação tão próxima entre essas duas espécies ao ponto de os cães passarem a ser considerados parte da família influenciando o bem-estar das pessoas. Ao longo do desenvolvimento é apresentado um relato de caso em que uma família teve seu bem estar muito comprometido devido aos problemas de comportamento apresentado pelo seu cão. Durante a narrativa do caso são abordados temas como a domesticação dos cães, teorias da coevolução entre as duas espécies, pontos importantes sobre o comportamento e aprendizado canino e estudos que equiparam o vínculo entre tutor e cão ao de mães e filhos. Conclui-se que o bem estar das duas espécies é interligado de modo que não é possível separar bem estar humano e animal, o que demonstra ser de extrema importância o enfoque em tratamento e prevenção dos problemas de comportamento em cães para que esta relação seja saudável.

**Palavras chave:** animais de companhia; cão de companhia; comportamento canino; tutores de cães; relacionamento homem e animal.

**Abstract:**

This article was explicated with the objective of problematize the relationship between humans and dogs in analyzing how the behavior problems of these animals can affect the welfare of their tutors.

Discourse about how and why there is a very close connection among these two species to the point that the dogs be considered part of their family, influencing the well being of people.

Throughout the development, it is presented an account in which a family had its own welfare very compromised due to behavior's problems showed by their dog.

During the narrative of the case, there are broached themes such as the domestication of dogs, coevolution between the two species, important aspects about the behavior and canine apprenticeship, and studies that equate the bond among tutor and dog to mother and children.

In conclusion, the good being of the two species is interconnected in a way that is not possible to separate human and animal welfare, showing that is extremely relevant to point out that the treatment and prevention of behavior problems in dogs so that this relation to be healthy.

**Keywords:** Companion animals. Companion dog. Canine behavior. dog owners. Human-animal relationship.

**Objetivo Geral**

Investigar como os problemas de comportamento de cães de companhia podem afetar o bem-estar dos seus tutores.

**Objetivo específico**

Desmistificar a visão romantizada de que a convivência com cães de companhia gera apenas benefícios aos seus tutores, compreender como surgiu esse vínculo interespecífico e investigar formas de tornar essa convivência mais saudável tanto para as pessoas como para os cães.

## Introdução

"Todos os outros cachorros estavam sentados placidamente ao lado dos seus donos com a distância de três metros entre eles, aguardando as instruções. Jenny estava lutando valentemente para fincar os pés no chão e fazer Marley parar, mas ele seguiu em frente, arrastando-a para o outro lado do estacionamento atrás do traseiro daquela poodle. Minha mulher parecia uma esquiadora aquática puxada por uma lancha de 24 pés. Todo mundo arregalou os olhos, alguns se afastaram, dando passagem. Eu cobri os meus.

Marley dispensava apresentações formais. Ele aterrissou na poodle e imediatamente enfiou o nariz entre suas patas traseiras. Imaginei que seria a forma canina de perguntar:

Você vem sempre aqui?

Depois que Marley examinou inteiramente a poodle, Jenny pôde puxá-lo novamente para o seu lugar.

A Sr<sup>a</sup>. Dominatrix<sup>1</sup> anunciou, calmamente:

Isto turma, é o exemplo de cachorro a quem foi permitido imaginar que ele era o macho mais importante da sua ninhada. Nesse momento é ele quem comanda.<sup>2</sup>

Como se quisesse provar o ponto de vista da instrutora, Marley começou a perseguir o seu próprio rabo, girando como um doido, as mandíbulas estalando no ar, enrolando a guia em volta das pernas de Jenny até imobilizá-la completamente. Tive pena dela, mas agradei por não estar em seu lugar.

A instrutora continuou a aula, passando a ensinar os comandos para sentar e deitar. Jenny ordenava:

Sente.

E Marley pulava em cima dela e colocava as patas sobre seus ombros. Ela empurrava seu traseiro para baixo e ele se virava para receber um carinho na barriga. Ela tentava arrastá-lo e ele agarrava a guia entre os dentes, balançando sua cabeça de um lado para o outro como se estivesse duelando com uma sucuri. Era horrível ficar olhando. Em determinado momento, abri os olhos e vi Jenny deitada, de cara no asfalto e Marley por cima dela, resfolegando alegremente. Mais tarde ela me contou que estava tentando mostrar a ele o comando para deitar.

No final da aula, quando Jenny e Marley vieram até onde eu estava, a Sr<sup>a</sup>. Dominatrix nos interceptou:

Vocês realmente precisam controlar esse animal - ela disse, suspirando.

Bem, obrigado por esse valioso conselho. E pensar que tínhamos nos matriculado apenas para contribuir com o lado cômico da aula. Nenhum de nós disse nada. Apenas retornamos ao carro nos sentindo humilhados, e

---

<sup>1</sup> Esse é um apelido que o casal deu para a adestradora pelo fato de ela falar apenas em dominância, uma antiga teoria de comportamento canino já refutada..

<sup>2</sup> Essa é uma afirmação baseada na antiga teoria da dominância que defendia ser necessário o tutor se tornar o líder da matilha (alfa) através de disputas que empregavam violência física e psicológica.

dirigimos para casa em silêncio, com Marley arfando alto enquanto baixava a adrenalina da experiência em sua primeira aula de adestramento.”

John Grogan em seu best seller *Marley e Eu* páginas 72 e 73.

Este trecho do livro “*Marley e Eu*” de John Grogan (2006), que alcançou primeiro lugar em vendas no Brasil e no mundo, rendendo inclusive um filme que também fez grande sucesso, apesar de retratar a situação com certa dose de humor, é capaz de retratar claramente o quanto problemas de comportamento de um cão de companhia afeta seus tutores. O casal Grogan procurou esse serviço de adestramento em uma tentativa desesperada de solucionar os problemas com seu labrador, Marley, e saíram da aula se sentindo envergonhados e humilhados, talvez até mesmo com a sensação de que seu cão não teria solução. Imagino o quanto foi difícil e frustrante a convivência com esse cão, apesar de ter rendido boas histórias e uma significativa quantia em dinheiro com a verba do livro e do filme.

Segundo Soares et. al (2010) em sua pesquisa de epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil, problemas de comportamento são provavelmente a principal causa de abandono, decisão que certamente deve ser muito difícil para essas famílias. Longe de mim defender ou justificar a prática de abandono, que inclusive é crime, mas é uma dura realidade que precisa ser apontada e afeta tanto o bem-estar dos animais como das pessoas envolvidas. De acordo com números levantados pelo IBGE (2018) e atualizados pela inteligência comercial do Instituto Pet Brasil - IPB (2019), temos em território nacional 139,3 milhões de animais de estimação, onde os cães contabilizam 54,2 milhões, liderando a preferência e com crescimento anual de 5%. Ainda segundo o IPB (2019) esse crescimento é consequente pela busca das pessoas de receber afeto e atenção do pet. Ao se considerar a busca por um cão de companhia é motivada pela obtenção de afeto e atenção, ou seja mais qualidade de vida, temos também por outro lado um alto índice de problemas de comportamento, que prejudicam essa qualidade de vida, por isso se faz necessário observarmos essa interação mais de perto.

O presente artigo busca uma nova visão sobre como a convivência com cães de companhia influencia o bem-estar dos seus tutores, visto que existem grandes índices de problemas comportamentais nestes pets. Costumamos idealizar que a convivência com cães é como mostrada nos filmes e séries como “*Lassie*”, onde o cão apresenta uma capacidade cognitiva e habilidades muito maiores do que eles realmente possuem. Um exemplo são as cenas onde Jeff, um menino de nove anos de idade e *Lassie*, um cão da raça collie conversam

e interagem em suas aventuras como se fossem dois humanos, exceto pelo fato de a cadela latir ao invés de falar. Psicólogos e outros profissionais da saúde têm prescrito cada vez mais a companhia de cães como se todos viessem prontos para atuar como cooterapeutas em intervenções assistidas por animais e fossem praticamente um medicamento revestido de pelos. Desconhecem ou esquecem que os cães utilizados para essas intervenções são muito bem selecionados e treinados. Ou seja, não é todo e qualquer cão, incluindo aqui as raças, que tem aptidão para essa função. É criada a expectativa de levar para casa uma Lassie e geralmente o que se recebe é um Marley (referência ao livro e ao filme Marley e Eu).

Encontramos em qualquer busca rápida muitos artigos que apontam os benefícios das interações com cães, mas nenhum que problematize situações em que o cão torna-se agressivo ou desenvolve problemas relacionados à separação. Ou, ainda, nenhum que questione sobre como é a tensão de conviver com um predador com mordida capaz de dilacerar rapidamente suas presas que pode atacar alguém a qualquer momento ou ter sua rotina alterada por não poder deixar o pet sozinho sem ele que ele destrua a casa inteira, receber reclamações dos vizinhos e até multa.

Neste artigo, que parte de uma acadêmica em Psicologia, irei discorrer a partir da minha experiência de nove anos como adestradora de cães com atuação na área comportamental sobre como problemas de comportamento dos cães de companhia podem afetar o bem-estar dos seus tutores, através de um relato de caso que será abordado na sequência.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Lugar situado da autora**

Como este artigo parte de uma experiência sobre como os problemas de comportamento dos cães afetam o bem estar dos seus tutores, antes de discorrer sobre casos de clientes, seria mais interessante contar a minha experiência como tutora de cães e uma situação que me levou a ter o primeiro contato com o adestramento e, posteriormente, à graduação em Psicologia.

Desde muito nova sempre fui apaixonada por animais e desejava muito ter um cão, mas meus pais somente me permitiram ter um aos 11 anos de idade, pois como os dois trabalhavam fora e tinham pouco tempo disponível em casa, acreditavam que eu precisava ter maturidade e responsabilidade para cuidar do animal sozinha. Em Janeiro de 1999, convenci

meus pais que eu já tinha idade e responsabilidade para ter um cão e meu tio me presenteou com um filhote de *beagle*. Assim como a maioria dos meus clientes, quando levei meu primeiro cão para casa eu não havia feito uma pesquisa prévia sobre o comportamento padrão da raça e não tinha a menor ideia sobre como se educava um filhote. A receita básica para problemas de comportamento e muita discórdia na família (risos).

O Brown, como nomeei o meu cachorro, apresentava problemas relacionados à separação. Sempre que ficava sozinho, destruía todos objetos que estavam ao seu alcance, além de apresentar eliminação inadequada, o conhecido “xixi” e “cocô” fora do lugar. Sem exagero, o cachorro destruiu o apartamento inteiro em poucos meses e tinha predileção pelos objetos mais caros e que nos via manusear com frequência como telefone, celular e videogame. Não demorou muito até que o comportamento do Brown causasse desavenças familiares, meus pais brigavam muito comigo cobrando a educação dele e meu pai queria doá-lo. Essa tensão chegou a resultar em agressões a mim e ao Brown e na saída do meu pai de casa por alguns meses (uma separação breve). Lembro, inclusive, de planejar fugir de casa, pois não queria me separar do meu cão. Durante anos, a minha mãe me disse que a responsabilidade por um animal de estimação era como a com um filho - o que eu internalizei, por isso, não cogitava a hipótese de doar o meu “filho”. Aquele cachorro era meu companheiro e confidente, tinha realmente muito amor por ele e esse vínculo que me levou a estudar sobre adestramento, pois precisava educá-lo para podermos continuar juntos. Eu estudei a partir de livros, revistas e cursos em fitas VHS, e em alguns meses consegui transformar o Brown em um cão exemplar. Depois disso, amigos e vizinhos passaram a me pedir auxílio quando tinham algum problema de comportamento com os seus cães e, com os trocados que recebia pelos serviços, investi em mais livros, revistas e cursos. Quando adulta, quase concluindo a graduação em Direito, fiz um curso profissional de adestramento e iniciei trabalho voluntário com cães de abrigos. Esses abrigos indicavam meus serviços de adestramento para os adotantes e, quando me dei por conta, estava trabalhando exclusivamente com isso. Como o adestramento envolve conceitos de behaviorismo e também um contato bem delicado com a dinâmica familiar dos clientes, percebi que a graduação em Psicologia tem muito a agregar na minha profissão. Foi quando decidi trancar o Direito no oitavo semestre e transferir minha matrícula para Psicologia.

A graduação em Psicologia agregou muito no meu trabalho com os cães e seus tutores, me proporcionou um leque de ferramentas que me diferencia no mercado. Eu consegui ter uma compreensão melhor das dinâmicas familiares e oferecer acolhimento na dor das suas

demandas, além de elaborar planos de contingência mais eficientes na modificação de comportamento dos cães.

Segundo Nunes et. al (2021), durante a pandemia de covid-19, iniciada em março de 2020, ocorreu um aumento expressivo o índice de adoção e em compra de animais de companhia por a população acreditar que os pets seriam capazes de amenizar os sentimentos causados pelo isolamento e servir como um suporte importante para a superação dos impactos causados pelas alterações e restrições decorrentes desta. Na minha prática profissional também observei esse aumento nas compras e adoções, e a crença das pessoas nos benefícios gerados por esta interação, mas assisto assombrada a uma demanda altíssima de adestramento comportamental para cães com problemas de socialização e síndrome da ansiedade por separação. Com a retomada do trabalho presencial e das atividades sociais estes cães que inicialmente foram levados para suas famílias com a intenção de proporcionar bem estar às pessoas, hoje infelizmente são causa de muitos problemas e acabam por causar um efeito totalmente contrário ao procurado inicialmente. Atualmente a grande maioria dos meus clientes chora ao relatar o quanto os problemas comportamentais de seus cães afetam suas vidas e em muitas ocasiões precisei encaminhar os clientes para acompanhamento psicológico. Observei também muitas devoluções e casos em que optaram por colocar o cão para adoção, situação que gera muito sofrimento tanto para as pessoas como para os animais e precisa ser discutida.

### **Relato do caso**

A inspiração do tema deste artigo foi em especial um caso onde os tutores do cão com problemas relacionados à socialização e separação entraram em crise durante um atendimento, situação na qual precisei realizar um acolhimento e encaminhá-los para acompanhamento psicológico. Foi uma situação muito triste onde o bem-estar e saúde mental das pessoas e dos animais envolvidos estavam comprometidos pelo contexto e a melhor solução e desejo dos tutores era a devolução do cão para o abrigo do qual foi adotado, decisão que causou muito sofrimento para todos. Irei relatar brevemente esta história com pequenas alterações e nomes fictícios para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

Helena e Márcia moravam juntos há alguns anos com seus três gatos e após muito esforço estavam alcançando um momento mais próspero e estável em suas vidas. Helena concluiu a graduação e Márcia havia sido promovida recentemente em seu trabalho. Eles haviam se mudado de um apartamento JK mal localizado para um outro, também alugado,

mas de dois quartos e com boa localização em um bairro de classe média. Depois de anos apertados em, como eles mesmos chamavam, um cubículo, com muito capricho escolheram os móveis de uma empresa que produz peças adaptadas para animais de estimação com tocas, túneis e arranhadores. Na sala montaram um pequeno paraíso para gatos com prateleiras repletas de brinquedos, sofá com túneis e arranhadores e mesas e balcões também adaptados com tocas e passagens estratégicas, tudo muito bem planejado para proporcionar segurança e diversão para os animais com requinte de sofisticação e aconchego na decoração para agradar também aos humanos.

O apartamento todo foi montado pensando nos gatos, exceto o segundo quarto, que era reservado para o tão sonhado cachorro que pretendiam adotar para assumir o papel de filho e poder acompanhá-los em passeios e viagens, já que os gatos não gostam de sair do seu ambiente. Eles fizeram tudo “certinho”, se informaram sobre os cuidados com um cão filhote e começaram a comprar o enxoval antes mesmo de escolherem o novo membro da família, que estavam selecionando com muita paciência na busca por um perfil que se desse bem com os gatos e se encaixasse no estilo de vida deles. Eis que um dia, quando faziam o rancho para os gatos e escolhiam coisinhas para o cão que pretendiam adotar, se depararam na loja com cães de abrigo expostos para adoção. Enquanto observavam e admiravam dois filhotes, irmãos de ninhada, brincando alegremente, um funcionário da loja entrou e tirou um deles para entregar para a família que o adotou. O que ficou chorou muito e ficou desesperado com o afastamento do irmão, comovidos com a cena, decidiram se candidatar para adoção daquele filhote. Como havia um processo de seleção com entrevista, Heleno e Márcia conseguiram buscar o filhote apenas dois dias depois.

Nesse período eles passaram na loja várias vezes para ver ele através do vidro do recinto de exposição e ficaram muito comovidos por ver que ele ainda chorava e tentava encontrar o irmão. Quando finalmente conseguiram finalizar a adoção e levar o filhote para casa, ao abrir a caixinha de transporte e convidar ele para sair e receber petiscos e afagos, se surpreenderam com um rosnado. Bob, tinha cerca de cinco meses de idade e nasceu na ONG, sua mãe era uma cachorrinha arisca resgatada de maus tratos grávida e muito debilitada. Antes da sala de vidro onde ficou exposto na loja de animais ele conheceu apenas o canil do abrigo onde nasceu. O abrigo era situado em uma área rural e os tratadores não tinham tempo de brincar e acariciar os filhotes, ainda mais quando tinham uma mãe protetora como no caso dele. Ele nunca havia sido exposto a tantas pessoas, ruídos e cheiros. Certamente as batidas no vidro de humanos que queriam interagir com ele foram muito estressantes, assim como a

retirada dos irmãos. Este filhote foi levado com seus irmãos para ambiente novo e assustador onde viu um por um serem levados sem entender o que estava acontecendo. Nesse contexto é muito provável que tenha associado as pessoas com perigo, predadores que caçaram seus irmãos.

Bob já havia terminado o período de socialização, fase do desenvolvimento onde o filhote tem maior neuroplasticidade e naturalmente conhece o mundo com a proteção da mãe para aprender a identificar o que é perigoso ou não. Instintivamente tudo que um cão conhece após a fase de socialização é naturalmente percebido por ele como uma ameaça em potencial. Segundo Pereira e Lantzman (2013) os cães que não passam adequadamente por exposições são propensos a desenvolver comportamentos desajustados como medo, agressividade e ansiedade por separação, as principais causas do abandono, e, por isso é fundamental aproveitar esse período para integração do animal na sociedade humana. Bob um dia simplesmente foi retirado abruptamente do seu mundo e apresentado para um outro totalmente estranho e assustador onde viu seu irmão ser levado sem compreender o contexto e ficou desamparado por dois dias até ser novamente levado por pessoas para outro ambiente desconhecido. Demorou cerca de 15 dias para os tutores conquistarem o filhote, e como Márcia estava trabalhando em casa no contexto da pandemia de covid-19, ela passava 24 horas do dia com ele que passou a vê-la como referência de segurança e a acompanhar até no banheiro.

Bob ficou isolado em casa até completar oito meses e concluir o protocolo de vacinação que permitia começar a realizar passeios com segurança. Desde a adoção ele havia convivido exclusivamente com os tutores e os gatos, pois pelas restrições do isolamento social não receberam visitas em casa. A primeira vez que colocaram uma guia no Bob e o levaram até a rua foi extremamente estressante, pois assustado com o trânsito, cães latindo e pessoas que tentaram interagir com ele, ficou deitado trêmulo no chão por cerca de meia hora. Esse processo se repetiu por alguns dias até que ele começou a puxar muito a guia para fugir para qualquer direção e avançar nas pessoas que passassem próximo. Nesse mesmo período Márcia foi notificada que em poucos dias haveria retorno gradual para o trabalho presencial e começaram a tentar deixar o cão sozinho curtos períodos do dia para se acostumar, o que não deu certo, pois na primeira ida ao supermercado, que durou cerca de uma hora, encontraram a porta de entrada e o marco com pedaços arrancados, literalmente a unhas e dentes. Foi neste dia que resolveram procurar auxílio profissional para o problema do Bob. Primeiro chamaram uma veterinária comportamental que apenas orientou ensinarem o comando “fica”, que fosse

levado de carro até o parque para passeios no cachorródromo e prescreveu um antiansiolítico. Após 60 dias de tentativa com essas orientações e agora com o Bob já com 10 meses, quase adulto, que a família me contatou muito aflita buscando uma solução imediata e definitiva. Quando cheguei na primeira visita encontrei um cão extremamente agressivo por medo, gatos estressados com os constantes latidos e movimentação dele e tutoras completamente desesperadas, pois o sonho do apartamento perfeito e o cachorro se tornou um pesadelo.

Na anamnese já identifiquei que no caso do Bob haviam fatores genéticos, pois conforme informação passada pela ONG mãe e os irmãos eram agressivos (todos outros filhotes foram devolvidos), traumas intrauterinos, má socialização e manejo que ocasionou traumas relacionados a separação e exposição a pessoas. Infelizmente haviam muitos fatores que favoreciam o comportamento indesejado. Expliquei para as tutoras que seriam necessárias algumas visitas apenas para ele se acostumar comigo, que seria um trabalho que envolveria muita paciência e dedicação, mas que conseguiríamos pelo menos amenizar o medo e a agressividade com um protocolo de dessensibilização sistemática e contracondicionamento.

A dessensibilização sistemática seria a exposição gradual do cão aos estímulos gatilho de medo e agressividade, sempre garantindo que ele se sente seguro durante todo processo através da leitura corporal. Sinais de estresse e apaziguamento como desviar o olhar, virar a cabeça, sentar de costas, lambem rapidamente o nariz, bocejar, enrijecer a musculatura, olhar fixo, erguer uma das patas dianteiras do chão ou se sacudir, farejar ou coçar fora de contexto nos dizem que o cão está desconfortável e precisa de mais espaço. O contracondicionamento já visa modificar a emoção que o cão sente diante daquele gatilho. Por exemplo, o Bob sentia medo de pessoas e um comportamento normal e natural diante desta emoção é lutar, neste caso o contracondicionamento visa modificar a emoção que o cão sente ao ver pessoas. Se toda vez que Bob ver uma pessoa ainda em uma distância que não causa ainda desconforto ganhar um petisco saboroso, após algumas repetições ao ver aquele mesmo estímulo passará a sentir alegria ao invés de medo e esperar o petisco. Depois disso condiciono o cão a sentar ou caminhar tocando a mão do condutor com o focinho para ganhar o petisco e em algum tempo o Bob já estará sentando ou caminhando com foco tutor ou treinador para as pessoas passarem por ele na rua. O que possibilita a partir daí iniciar interações graduais, agradáveis e positivas diretamente com essas pessoas ainda utilizando a dessensibilização sistemática e o contracondicionamento.

Os tutores ficaram muito emocionados em pensar no Bob pelo menos passeando sem atacar ninguém e pareciam bem motivados. Nas primeiras semanas seguiram todas orientações e estavam evoluindo muito bem dentro do contexto. Compraram tudo o que era necessário para melhorar a qualidade de vida do Bob e ainda conseguiram que para ele não ficar sozinho, fosse aceito em uma creche onde ele interagia muito bem com os outros cães e os recreacionistas sabiam que para ele ficar tranquilo bastava ignorar ele e não se aproximar. O problema foi que tudo isso gerava um custo alto e o treinamento comportamental requer tempo. Essa questão financeira começou a deixá-los muito aflitos, pois estavam abdicando de atender às necessidades deles em prol das do cão.

Eles realmente queriam proporcionar o melhor para o Bob e ajudá-lo a melhorar, mas estava ficando muito pesado a rotina de treinos e os custos, isso começou a deixá-los visivelmente estressados e desencadear discussões. Heleno era mais prático e racional, apesar de também amar muito Bob, enquanto Márcia era mais emotiva e muitas vezes sem querer reforçava os comportamentos indesejados com conversa, carinho e colo. Não demorou muito até que o casal começasse a discutir sobre o manejo com o Bob e em uma dessas situações Heleno foi tirar ele do colo de Márcia e foi atacado. Márcia assustada tentou gritar e puxar ele e acabou acidentalmente mordida também. Foram mordidas fortes, chegaram a perfurar, o que é raro para primeira mordida, geralmente a força e gravidade aumentam gradualmente. Os dois ficaram muito abalados e com medo do Bob, Heleno ficou até mesmo impossibilitado de trabalhar por alguns dias em decorrência das lesões.

Ambos passaram a viver em estado de alerta e Márcia, que já havia precisado tratar ansiedade alguns anos atrás, passou a apresentar novamente os sintomas de forma bem intensa. O Bob passou a permanecer mais tempo trancado no quarto, o que o deixou estressado e menos respondente ao treinamento. A cada visita eu percebia o comportamento do Bob piorar e a saúde mental dos tutores mais comprometida. Em uma visita eles discutiram e Márcia ficou aos prantos porque temia ter que devolver o Bob, foi quando orientei ela a procurar acompanhamento psicológico novamente. Após algumas sessões de terapia e com pouco progresso do Bob por estar sem ir para a creche (precisaram suspender as idas à creche para pagar a psicoterapia) e passando muito tempo trancado no quarto, combinamos de estabelecer uma rotina e prazo para o treinamento do Bob voltar a evoluir. Inclusive conversei com a psicóloga da Márcia para explicar a situação de risco com o cão e o plano de intervenção para que juntas conseguíssemos ajudar os tutores a superar o medo e conseguirem seguir com o treinamento.

Infelizmente, o relacionamento de todos estava tão desgastado que precisaram procurar também terapia de casal e individual para Heleno. O sofrimento deles e do cão era comovente, aquela situação não estava boa para nenhuma das partes mais. Bob passou por outra veterinária comportamental que lhe prescreveu sedativos, mas apesar de diminuir os problemas com a destruição e agressividade nos passeios, não ajudou muito no manejo em casa. Bob inclusive começou a morder para não tomar a medicação que já conhecia o cheiro não aceitava mais nem triturado na comida. Pedi para conversar com as psicólogas e expus que as condições não estavam nada boas para as pessoas e também para o cão, tanto que temia pela segurança física de todos. Como os tutores já haviam em terapia cogitado a devolução apesar do grande sofrimento, decidimos trabalhar com eles essa aceitação.

As psicólogas seguiram com a sua abordagem e eu pedi para Márcia e Heleno fazerem quatro listinhas, uma com como imaginavam a vida deles aqui há 3 anos estando com o Bob e outra sem o Bob, pedi também uma com o que eles estavam recebendo de bom nessa relação e outra com as desvantagens. Quando eles leram as listinhas para mim na sessão seguinte eles mesmos reconheceram que o Bob não estava lhes fazendo bem e que queriam devolver ele, mas tinham pena de mandar ele de volta para a ONG. Neste momento eu consegui explicar para eles que a situação do Bob também estava muito ruim nestas condições e sugeri de pensarmos juntos em uma solução, que após avaliarmos bem todo o contexto foi devolver o Bob para a ONG, mas custeando a manutenção e cuidados dele.

Eles mandaram construir um canil amplo e confortável para ele e seguem visitando e fazendo mimos até hoje. Bob ao retornar para a ONG parece outro cachorro, embora ainda tenha bastante medo de pessoas desconhecidas, mas teve alta da medicação e divide o espaço com o irmão que foi adotado antes dele na pet shop ( que também foi devolvido). Eles pensam que futuramente podem se mudar com uma casa com pátio grande de fundos e levar os dois, mas entendem que por enquanto ele está melhor lá sem tantos estímulos estressores e com espaço para se exercitar adequadamente.

Esse foi um dos casos mais desafiadores que encontrei, muitas vezes temi que Bob e Heleno pudessem vir a lutar até a morte, mas graças a essa comunicação entre eu e as psicólogas conseguimos ajudar para que o desfecho fosse o melhor possível. Essa foi a mais bela e também a mais triste história de amor entre humano e animal que presenciei, o que me levou a questionar como é possível amar tanto mesmo diante de tanto prejuízo.

## Reflexão Teórica

Essa reflexão coloca em questão o papel do cão na nossa cultura e como ele passou do papel de aliado de caçada e proteção de território ao de “filho”. Segundo a teoria de Clutton-Brock (1995) a domesticação dos cães trata-se de uma coevolução resultante do entrelaçamento de processos biológicos e culturais (Lantzman, 2013). Em encontro à perspectiva evolutiva, grandes etólogos como Miklósi defendem que houve uma evolução convergente, resultantes pressões seletivas similares e o fato de as duas espécies possuírem habilidades sociais altamente desenvolvidas. Essa combinação facilitou que as duas espécies cooperassem entre si e desenvolvessem a capacidade de se comunicar, o que acabou inevitavelmente favorecendo o surgimento do vínculo afetivo. Conforme Davi e Valla (1978) o registro arqueológico mais antigo que retrata essa relação afetiva data de cerca de 12.000 anos e trata-se de ossadas encontradas em Israel onde um humano está deitado de lado, com a mão próxima ao rosto e apoiada sobre os ossos de um filhote de cão (Albuquerque & Savalli, 2017).

Segundo Faraco e Lantzman (2013 pp 1- 3) é surpreendente que embora o vínculo entre animais e humanos exista há milhares de anos, apenas recentemente tenha se tornado objeto de estudos científicos, pois os animais oferecem benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais que contribuem para a saúde e felicidade humana. Apesar de essa vinculação ainda carecer de um corpo teórico amplamente aceito existem teorias que a compreendem, são elas:

- Os animais como foco de atenção na biofilia de Edward Wilson (1984)
- Exercerem a função de objeto de apego conforme Bowlby (2012)
- Representação do objeto transicional de Winnicott (1953)
- Participação do desenvolvimento humano na perspectiva ecológica de Bronfenbrenner (1996)
- Serem *self*-objeto conforme o conceito de Kohut (1985/ 1988)
- Parceiros na organização social dos sistemas biológicos em Faraco (2010)

Estudos recentes com monitoramento da produção de ocitocina e de ressonância magnética comparam o relacionamento entre cão e tutor de modo bilateral ao de mãe e bebê (Albuquerque, Frank e Savalli, 2017, pp 220- 221- 222). Afirmações que confirmam o que a maioria dos tutores de cães já sabia e agora se torna inquestionável ao ponto de termos o amplo reconhecimento, inclusive jurídico do conceito de família multiespécie.

Porém, essa relação não é somente positiva, pois com frequência surgem inevitáveis conflitos resultantes da falha de comunicação e diferença entre as espécies. A relação e o manejo inadequados são muitas vezes causa de problemas de comportamento como desobediência, ansiedade e agressividade. Relações inseguras, instáveis e imprevisíveis causam tensão e conflitos internos que resultarão em comportamentos de aproximação-evitação flutuantes que expressam o estado de estresse continuado que predomina no animal. Frequentemente comportamentos indesejados como agitação, destruição, latidos em demasia e agressividade tornam a relação disfuncional e pode resultar em ruptura do vínculo, abandono ou até eutanásia do animal. Relatos de medo, confusão e tristeza e raiva por parte dos tutores são frequentes nos atendimentos clínicos veterinários nesse contexto, pois esses conflitos são negativos não apenas para o relacionamento do tutor e do cão, mas também para o restante da família (Faraco & Lantzman 2013) .

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cão e o tutor possuem forte influência um sobre o outro por manterem um vínculo muito estreito, que chega inclusive a resultar em alterações psicológicas e fisiológicas palpáveis equivalentes às observadas nas interações entre mães e filhos. Esta é uma relação bidirecional onde o ser humano e o animal tornam-se parceiros sociais e preenchem as necessidades emocionais de vinculação afetiva um do outro, um vínculo de apego realmente muito forte ao ponto de influenciar o bem-estar de ambos (Albuquerque, Frank & Savalli, 2017).

Com base na forte influência deste vínculo sobre o bem-estar do tutor e o quanto ele pode ser prejudicado quando esta relação se torna disfuncional, busquei através deste artigo problematizar e questionar a visão romantizada de que a convivência com cães de companhia traz apenas benefícios. Para atingir esse objetivo, foi apresentado um relato de um caso em que os graves problemas comportamentais do cão desestabilizaram muito a sua família causando grande prejuízo ao bem estar de suas tutoras.

A principal dificuldade na elaboração deste artigo foi a escassez de materiais que abordassem essa temática, pois todos os livros e artigos encontrados abordam principalmente os benefícios desse vínculo para as pessoas e, quando trazem alguma problemática, é voltada para os prejuízos causados aos cães devido a antropomorfização. O pouco conteúdo encontrado que tratava diretamente sobre como os problemas de comportamento dos cães

impactam seus tutores eram um ou dois parágrafos dentre páginas que enaltecem apenas os benefícios destas relações.

É de grande relevância trazer para discussão que nem sempre essas relações são benéficas ao bem estar, tanto das pessoas, como dos cães e conscientizar sobre a importância da socialização e prevenção dos problemas de comportamento destes animais. Quando a população compreender a relevância do adestramento comportamental preventivo e conseguirem, através deste, melhorar a comunicação e manejo de seus cães será possível desfrutar melhor dos benefícios de se ter um cão de companhia, mas sem o esquecimento de que este é um relacionamento de duas vias. O bem estar do cão reflete diretamente no da família e vice e versa, portanto, investir no bem estar de um repercute diretamente também no do outro. A frase popular que diz que “toda pessoa precisa de terapia”, deveria se estender também aos animais de companhia. Um tutor com a sua psicoterapia em dia e um cão com o manejo comportamental adequado podem constituir um relacionamento mais funcional. Devemos nos questionar se o relacionamento com nossos cães é de posse ou companheirismo e investir para que ele seja saudável.

É importante refletirmos também sobre a visão antropocêntrica dentro da Psicologia onde os animais devem servir ao ser humano. Utilizamos animais para compreender o comportamento humano há mais de um século, constatamos que eles também possuem emoções e são muito parecidos conosco em diversos aspectos, mas não voltamos a eles um olhar empático. A Psicologia usa os animais, porém ainda não olha para eles. Acredito que temos poder de grande contribuição para a etologia justamente por sermos a ciência do comportamento e espero como psicóloga me empenhar para que essa mudança aconteça. Depois de milênios de convivência com animais e estudos que comprovam serem eles seres sencientes, nada mais justo que passem a serem vistos e tratados com empatia para além da pregada nos comitês de ética de pesquisa, que ainda os vê apenas como ferramentas de estudo. Precisamos tornarmos humanos mais humanos também para com os animais não humanos.

**Referências:**

IPB - Instituto Pet Brasil. *Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil*, 2019. Disponível em < <http://institutopetbrasil.com> > imprensa > censo-pet-1393->. Acesso em: 20 de Abril de 2021.

FARACO, Ceres Berguer; SOARES, Guilherme Marques. **Fundamentos do comportamento canino e felino**. Editora MedVet, 2013.

FERNANDES, Marcos. **Cara de um, focinho do outro: A interação entre os animais e seus tutores**. Editora Butterfly, 2015.

FERNANDES, Marcos. **Os animais e as constelações familiares: Uma visão sistêmica**. Editora Vilesi, 2019.

NUNES, Débora; SILVEIRA, Gabrieli Basilio; CORREIA, Jheniffer Maikelly; FARIAS, Regina de; DALONSO, Nicole. Alterações comportamentais e a importância da relação humano/animal durante a pandemia de covid-19. **Revista de extensão e iniciação científica**, 2021.

PEREIRA, Gonçalo; LANTZMAN, Mauro. Ontogenia Canina. In Faraco, Soares (orgs). **Fundamentos de Comportamento Canino e Felino**, Capítulo 4 pp.15-27-40. Editora MedVet. 2013.

RILLO, Synara. **Cães, donos e dores humanas**. Martins Livreiro Editor 2006.

SAVALLI, Carine; ALBUQUERQUE, Natália Souza. **Cognição e Comportamento de Cães**. Editora Edicon, 2017.

SOARES, Guilherme Marques; DANTAS, Letícia Mattos de Souza; D'ALMEIDA, José Mário; PAIXÃO, Rita Leal. Epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil: inquérito entre médicos veterinários de pequenos animais. **Revista Ciência Rural**, 2010.